

**ESCOLA DE ENFERMAGEM**

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos  
sobre Quotidiano em Saúde**

*Sub Grupo História Oral*

*A História da Escola de Enfermagem Carlos  
Chagas*

**SILVÂNIA DEL CARRILLO CURE**

**Belo Horizonte  
Minas Gerais**

## Traços Biográficos

### SILVÂNIA DEL CARRILLO CURE

*Silvânia nasceu em Dolores do Indaiá (MG) em março de 1942. Filha de pais protestantes, cursou o ginásio em sua cidade e o científico no Colégio Batista Mineiro, em Belo Horizonte, em regime de internato bastante rígido.*

*Ingressou na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), em 1964 sob a forma de vestibular. Na Escola, viveu sua segunda experiência de internato, onde não faltavam transgressões, desta vez sob a vigilância de freiras católicas. Naquela época a Escola estava vivenciando o processo de desanexação da Faculdade de Medicina, tendo como diretora a irmã Emília Clarizia e, posteriormente, a irmã Maria Carmem Teixeira.*

*Silvana foi secretária e posteriormente presidente do Diretório Acadêmico, nomeado em sua gestão como “Diretório Acadêmico Marina Andrade Resende – DAMAR”. Participou das lutas políticas junto ao Diretório Central dos Estudantes. Relata ter sido privilegiada ao vivenciar as mudanças ocorridas no período da ditadura militar de 1964. Além disso, promoveu festas, participou da luta pela retirada da touca que compunha o uniforme, lutou pela melhoria do ensino.*

*Em sua época de estudante, as aulas teóricas eram ministradas por médicos e enfermeiras, o que foi mudando, em função da Reforma Universitária e da reivindicação dos alunos. Fez estágios no Hospital das Clínicas, no Hospital da Cruz Vermelha e no Serviço de Saúde Pública, em Pirapora (MG). Entretanto, o estágio em pediatria foi o mais marcante. Talvez por isso, tenha escolhido esta área como atividade profissional. Foi também sua experiência em pediatria que a levou a fazer o curso de Psicologia, também na UFMG.*

*Graduou-se em dezembro de 1966, tendo sido a oradora da turma. Relata o despreparo e a insegurança diante do primeiro emprego, no Hospital da Baleia.*

*Em junho de 1969 foi admitida na EECC, permanecendo na instituição por 8 anos. Exerceu cargos administrativos, inclusive o de vice-diretora da Escola.*

*Em 30 de abril de 1977, pediu exoneração da Escola e da enfermagem.*

*Atualmente exerce a profissão psicóloga atuando como psicanalista.*

*Durante toda a entrevista demonstrou sua permanente preocupação pela busca do “lugar” da mulher/enfermeira na sociedade.*

## SUMÁRIO

### FITA 1 LADO A

Referência à sua origem; a tranqüilidade de sua infância. A rigidez do internato no Colégio Batista Mineiro; a dúvida entre fazer medicina ou enfermagem; a escolha do curso de enfermagem e a visão romântica do mesmo; a visão da enfermagem como ciência; a seleção para o ingresso no curso; a qualidade do curso; a reação da família e dos amigos em relação à sua escolha; a convivência com outras moças do interior; a vida no internato; a relação com os demais estudantes universitários; a busca do “lugar” enquanto mulher e estudante; o privilégio de ter vivenciado as mudanças ocorridas no período da ditadura militar; a influência do internato na vida dos estudantes e a estrutura física da EECC; as diretoras da época; menção a dona Itália; a chega inesperada na “sala de namoro”; as punições; o uniforme utilizado nos estágios; o abaixo assinado para retirada da touca; as refeições; a vida religiosa das alunas; as aulas teóricas; menção a algumas professoras; o ICB e o curso de reciclagem das professoras; as reivindicações das alunas pela melhor qualidade do ensino ministrado pelos médicos; a luta da enfermagem por um “espaço”, especialmente nos cursos de mestrado; dos médicos que continuariam a ministrar aulas; a atuação na presidência do DA (diretório acadêmico); a luta pela nomeação do DA para Diretório Acadêmico Marina Andrade Resende -DAMAR ; a inclusão da enfermagem nos jogos olímpicos universitários.

### FITA 1 LADO B

Retoma a participação da enfermagem nos jogos olímpicos; a festa promovida pelo DAMAR. simbolizando a dama da lâmpada como busca de um “lugar”; o “fazer” nos estágios; localização do DAMAR; a participação política no DCE no período da ditadura militar iniciada em 1964; a luta do DAMAR. Junto ao DCE pelo reconhecimento e valorização da enfermagem; a luta política pela possibilidade de implantação do socialismo do país; a inocência vivida no movimento político; a pobreza e a desnutrição vistas nos hospitais; a participação de grupos armados; o desejo de mudança da realidade; as passeatas; a defesa da autonomia universitária; a pouca participação das alunas; as reuniões no DCE e sua participação na tomada da Faculdade de Direito pelos estudantes; a participação de Dom Serafim em sua saída da Faculdade de Direito; as festas promovidas pelo DAMAR e a participação dos estudantes da medicina; o desaparecimento de estudantes; o susto ao descobrirem que havia espiões infiltrados na Escola; o término do mandato da presidência do DAMAR.; a questão dos estágios; o estágio mais marcante; diferença entre professores e

alunos da concepção de ser enfermeiro; a submissão das alunas em relação às professoras; locais de estágio; o interesse pelas doenças auto-imunes; o estágio de saúde pública em Pirapora; as festas promovidas pelo DAMAR e a vontade de impressionar; a festa para o professor de ortopedia recém chegado da Rússia; a aluna que trabalhava na TV; a formatura e seu discurso; a direção da irmã Emília Clarízia; as dificuldades encontradas no primeiro emprego no Hospital da Baleia e a ajuda de uma colega.

## **FITA 2 LADO A**

Referência ao currículo fragmentado da época; o trabalho no Hospital da Baleia e suas inseguranças; o retorno à Escola como docente; as mudanças na Escola e no ensino após a desanexação e Reforma Universitária; as dificuldades enfrentadas em relação à carreira universitária e o” da enfermeira; a burocratização da Escola; sua experiência como professora de Pediatria, as atividades no estágio e a reação dos alunos; novos caminhos; relato de uma experiência marcante com uma criança na pediatria; outros relatos enquanto enfermeira de pediatria os quais despertaram seu interesse pela Psicologia; busca do “lugar” do enfermeiro; sua participação no Conselho de Extensão; as dificuldades com a dicotomia teoria e prática no ensino; a função como vice-diretora da Escola; o período da ditadura enquanto docente; referência a prisão de uma aluna; as constantes mudanças de currículo; a situação do Hospital das Clínicas; a participação como representante de saúde na comissão da Reitoria no estudo num estudo sobre o [poder] HC; sua saída da enfermagem; o que a levou a pedir demissão da Escola; a graduação em psicologia; a busca do seu “lugar”; a sua visão psicanalítica do processo de separação/alienação; visão atual da enfermagem; a experiência com a internação e morte de seu pai; crítica à atuação da enfermeira na assistência; a proposta que fez à Escola para um trabalho/pesquisa; retorno à visão psicanalista da “separação”, da busca pelo “lugar” da mulher/enfermeira naquele momento histórico; a “neurotização” coletiva do trabalho; a saída das freiras, o envolvimento das alunas e no contexto da época.

**[FINAL DA ENTREVISTA]**

**[FINAL FITA 2 LADO A]**

**FITA 2 LADO B NÃO FOI GRAVADA**

## FITA 1 LADO A

Valda.: Silvânia, você coloca para nós o seu nome completo

Silvânia.: Silvânia Del Carillo Cure

V.: Onde e quando você nasceu?

S.: Eu nasci em Dolores do Indaiá (MG) em 1942, março de 42.

V.: Março, já fez aniversário, então.

S.: Já (riso).

V.: É, (riso), seu estado civil?

S.: Casada

V.: Filhos?

S.: Quatro filhos.

V.: Quatro filhos né. Fala um pouco pra gente, da sua infância, da sua vida, é, da primeira infância né, da sua relação com seus pais; na sua cidade, onde você nasceu né; alguma coisa assim.

S.: Não tem muito, muita coisa especial né, menina do interior, criada com muita liberdade, com muitas brincadeiras, é, bom o quê que poderia interessar né.

Geralda.: Convivência com a família, né, com os pais, relacionamento.

S.: Bem tranqüilo, de uma menina que criada com família pequena, éramos três irmãos né, aliás, nós éramos dois, que meu irmão nasceu já tinha quase que quatorze anos. Então, dois filhos só e numa cidade pequena com muito espaço, muito lugar para brincar, muito relacionamento. Uma infância tranqüila.

V.: Você estudou lá até quando?

S.: Estudei lá até o ginásio. Depois vim para cá fazer o curso científico no Colégio Batista Mineiro; fiz o curso aqui interna.

V.: No Colégio Batista?

S.: ...Mineiro. É.

V.: Interna. Como que era essa vida mais...

S.: Havia um internato, né, para as meninas. E era um internato muito rígido. Nós não podíamos sair para nada, a não ser que tivesse algum parente em Belo Horizonte (MG), quem não tivesse não saía não. E a noite a gente fazia um curso. Aí era nosso momento de liberdade, que tinha muitos, uns rapazes. Aí a gente podia quase que namorar, porque não podia namorar assim não, mas, (riso), nas entrelinhas a gente podia manter um relacionamento e aquilo era

muito agradável. Agora, fora disso, era os estudos, um certo padrão assim, meio americano, meio rígidos né.

V.: E as transgressões, nesse período

S.: Uai, tinha que haver, se não quem agüentava (riso). Então aí [fui] pra Escola de Enfermagem [Carlos Chagas] que também era internato naquela época.

V.: Hum-hum . O quê que te levou a fazer enfermagem?

S.: Na verdade foi uma, uma, foi uma divisão, quer dizer, eu vim querendo fazer medicina, vim preparada para fazer o curso de medicina. Assim como era uma menina, minha família não tinha posses, era uma família pobre. Aquela mudança de sair do internato ainda mais religiosa, protestante né, que minha família é protestante. Quer dizer, era tido muito difícil, de repente me aventurar, sozinha, aqui. Deu um certo, um certo intimidamento né. Então eu fiquei um pouco dividida entre, em tentar uma vida sozinha na cidade aqui, que não teria mais o internato e financeiramente seria difícil, minha família não teria condição, teria que trabalhar né. E vocês imaginam que época era isso, né. É, o fato de eu ter vindo para cá com dezesseis anos, vinda de uma cidade do interior, talvez eu tinha sido naquela época a primeira moça de Dores do Indaiá para fazer isso. Os rapazes vinham de família rica, vinham, faziam engenharia. Naquela época engenharia, medicina ou direito; mas com as famílias pagando, lugar para ficarem. As moças não faziam muito isso não. Então já foi assim, uma grande aventura né, mas, foi, fiquei um pouco dividida nessa época com essas dificuldades todas para fazer um curso. E aí me falaram que havia um curso universitário de enfermagem, que era muito parecido com medicina, que, que tinha um internato. E que tudo me seduziu, mas não só por isso, ao lado dos valores mais e... afetivo da profissão enfermagem, que era o cuidado com os pacientes.

V.: Que visão que você tinha?

S.: Tinha uma visão bem romântica da enfermagem, muito, muito mesmo. Dos filmes, da enfermeira cuidando dos doentes e soldados na guerra, era muito por aí.

V.: Vocês...

S.: Mas, já, já permeava também prá uma idéia de, de algo de novo na enfermagem. Fui muito atraída por isso também. Só, não é bem mais só isso, né, mais a uma possibilidade de trabalhar com a ciência também, isso me seduziu muito.

V.: Já tinha essa visão de enfermagem na época?

S.: Já, porque já era um curso universitário. Diferia muito do que era antes né.

G.: Você disse que foi seduzida né. Na verdade essa sedução foi, como que você ficou sabendo do curso de enfermagem, alguém especial, como é que ...

S.: Porque ...

G.: ...teve notícia do curso.

S.: Como era um curso universitário novo, já havia uma certa informação a respeito dos cursos, pré-vestibulares e tudo né, já havia pessoas que fazia pré-vestibular para enfermagem.

G.: Alguém especial que influenciou você?

S.: Não, aí eu não me lembro de ninguém especial, porque já era falado, já, assim já.

V.: A seleção nessa época já era vestibular?

S.: Era vestibular.

V.: Como era isso era isso, era igual ...

S.: Como tinha poucos candidatos, parece que era uma prova específica para nós, não era como o vestibular que incluía outros ..., aliás, se não me engano, na época era assim, não era como logo depois passou a se unificado não. Cada Escola fazia o seu vestibular.

V.: A sua seleção né?

S.: É. Então não era uma prova difícil, nada disso não.

G.: Em que ano que foi isso?

S.: As datas ... eu não, depois eu posso, tá, vê direitinho ... mas...

V.: A gente ... foi depois ou antes da revolução?

S.: Eu sei que ... eu acho que foi a terceira ou quarta turma do curso universitário.

V.: Foi antes da revolução, da ditadura?

S.: Foi, é, revolução de 64. Parece que foi exatamente nessa época, se eu não estou me enganando, porque 68 eu estava lá, acho que já fazendo o quarto ano que o curso de saúde pública, era no quarto ano. Foi entre essas duas datas né, que eu fiz o curso.

V.: E aí, depois da seleção, depois que você passou?

S.: Aí a surpresa com o curso de enfermagem foi muito boa, quer dizer, realmente o curso que, as dúvidas que eu tinha com o curso, elas foram se desvanecendo porque o curso, era um curso muito bom. Inclusive, assim, me satisfazia, me satisfaria mais do que por exemplo, um curso médico. Porque não só a gente tinha as matérias referentes... a ciências médicas como também a, as de outros âmbitos, assim chamadas ciências humanas. Então isso me deu uma, uma estrutura boa, eu fiquei muito feliz. A convivência lá era muito boa também.

G.: Silvânia, e a reação da sua família, dos seus amigos, dos seus parentes pelo fato de você fazer enfermagem? Como é que foi?

S.: Uma família do interior, inicialmente não foi muito boa não. Esperava muito mais de mim (riso), teve aquela coisa. Porque era, era né, como curso universitário era muito novo, então a imagem da enfermeira, ainda mais no interior, não era muito, não era o que uma família se

orgulharia de ter né. Então houve uma reação inicial assim, mas foi muito inicial. Na medida que eu ia chegando, que eu falando sobre o curso, o que realmente eu ia fazendo, aí houve uma mudança rápida.

V.: Você foi para o internato?

S.: Morei na Escola.

V.: Fala para gente com que era essa vida no internato, a Escola, o internato, já era lá na (avenida) Alfredo Balena ?.

S.: Era, onde é a Escola até hoje.

V.: Isso. Como que era a vida no internato?

S.: Olha, é, por um lado muito interessante porque aquela convivência de, de meninas, moças aliás, vindas de, de vários lugares, mais de Minas Gerais, mas também, às vezes, de outros estados e que dava uma convivência muito interessante. É, agora, era, era um pouco rígido, seguia os padrões de internato da época. Nós ...

V.: ...semelhante ao anterior que você estava?

S.: Não tanto, bem menos. Mas havia aquela coisa de direção religiosa, a diretora do internato era uma, a irmã que era diretora da Escola. Nós tínhamos horário para chegar, nove horas. A gente podia namorar na Escola, por exemplo. Agora, era uma convivência muito boa com os, os estudantes da medicina. A gente era muito amigo, nós éramos muito amigos. Fazíamos festas, e a gente tinha aquela preocupação de, de, como era gente muito diferenciado dos outros estudantes universitários, aquilo nos deixava num meio sem lugar e a gente procurava, essas coisas que aliás é muito da mulher, eu acho né, que é a procura do lugar, né, do lugar simbólico mesmo de dizer alguma, de poder falar e, tudo isso né, como qualquer, eu acho é, com qualquer moça da época, de qualquer época né diante do outro sexo e as dificuldade que existe do outro sexo. Então, de particular, eu acho o fato da gente ser interna, a gente ficava assim meio bela adormecida tipo né, um pouco isso, sei lá, era uma época muito romântica. Agora, mais do que isso acho que era uma época que eu consi... me, me acho um pouco privilegiada de ter vivido sabe, que foi essa época de 64 a 68 porque primeiro os anos 60, tem um pouco de mística, de magia, mas tem muito também de real porque havia uma grande mudança no mundo acontecendo e a gente estava vivendo aquilo. Então eu digo que é, é claro, havia muito problema de você está interna, essa questão do lugar de, um pouco, um certo isolamento da comunidade fica um pouco exacerbado. Agora, por outro lado tínhamos essa possibilidade de participar de um momento muito especial, a gente sentia isso, e assim muito resguardados né, quer dizer, poucas de nós na verdade participamos efetivamente desses,

V.: Alguma história nessa época que você lembra de alguma coisa dela?



desse momento político. Mas algumas puderam participar e eu acho que foi uma coisa muito, é, muito benéfica para nós.

V.: É, enquanto assim, internato era, era no quarto andar, né, o quarto andar hoje.

S.: É.

V.: Mas o que de estrutura havia na Escola que você se lembra, da, parte física mesmo, onde que vocês, por exemplo, vocês se encontravam para os namoros?

S.: Sei. Em baixo tinha uma sala grande, onde havia um piano. Era uma sala de estar, né, havia um piano, algumas pessoas tocavam. Na minha época me lembro da [aluna] Norma [Lúcia de Matos] me lembro da Norma tocando. E a gente podia ali se reunir, conversar, receber visitas de namorados, de amigos, tinha televisão também né, tinha Elis Regina. E era, era muito agradável, mas assim, até nove horas, não passava disso não.

V.: Até nove horas [da noite]...

S.: Tinha...

V.: Quem que era responsável pelo ...

S.: Era a irmã mesmo que descia ...

V.: A irmã.

S.: Irmã.

V.: Irmã Emília?

S.: Irmã Emília né.

V.: Irmã Emília Clarízia.

S.: Logo depois ...

V.: A irmã Carmem?

S.: Irmã [Maria] Carmem Teixeira.

V.: Como diretora. Elas moravam lá Escola também?

S.: Elas moravam. Também tinha uma, uma pessoa que morava lá e era uma espécie de, sei lá, zeladora, não sei qual era o cargo que ela tinha, que [ela tinha lá], ela chamava dona Itália.

V.: Dona Itália?

S.: É. Ela era responsável pela disciplina, pela organização também. Agora, às vezes a gente estava sentada, conversando ou namorando, ela chegava devagarinho, usava um, um sapato, um chininho de borracha, então era assim meio surpreendente a entrada dela.

V.: Da irmã, da, da Itália ...

S.: Era um pouco aquela coisa assim de ainda muito, de adolescentes surpreendidos por, pela mãe e pela tia brava. Tinha um pouco disso.

V.: Alguma história nessa, nessa chegada sorradeira dela?

S.: Bem, a história era essa. Às vezes você estava muito tranqüila namorando, entrava a irmã lá, inesperadamente, sem fazer um mínimo barulho, e era um susto (riso) e, e tinha castigo, e tinha, [tinha uma]...

V.: Que tipo de punição?

S.: Era uma certa repreensão, tinha.

V.: [Só repreensão...]

S.: Não, punição havia. Quer dizer se alguém ficasse, teimasse nessa ...

V.: ...atitude ...

S.: Lei né, nessa atitude, havia uma lei e se não aceitasse as punições, podia perder o direito do internato, podia ir embora. Mas acho que isso não aconteceu não.

V.: No seu, na sua turma, no seu período de internato, não teve nenhum caso extremo de aluna que teve de sair do internato?

S.: Não, isso não, acho que não, acho que não. Agora, nós ainda usamos aquele uniforme, não sei se alguém relatou que tinha um, um avental engomado, a roupa toda branca, uma touca na cabeça, tipo Florence Nightingale.

V.: Isso, para ...

S.: ...para os estágios.

V.: Para os estágios?

S.: É.

V.: Dentro de casa..

S.: ...não.

V.: Em casa não.

S.: Mas no hospital usava.

G.: Fala para gente sobre esses uniformes.

S.: Bom, ele era, ele era, uma, vestido godê, é, com uma roda e um avental engomado, porque era uma coisa que estava fora da nossa época já, mas a Escola mantinha aquela tradição. Tinha uma coisa muito rígida mesmo. Tinha coisas, como assim, primeiro a aula a irmã que dava, e dizia para gente assim: “Se vocês estiverem nos estágios, se estiverem sentadas e o médico chegar, vocês tem que levantar e ceder o lugar”.Então a gente levava um susto com isso não, devia ser o contrário, não?!

V.: Era mulher, né?! (riso)

S.: Não, era assim. Tinha essas coisas, só que a gente não levava isso muito em consideração não sabe? A gente já, já distanciava um pouco dessas coisas. Agora, a tal touca, por isso que eu falei com você, que Norma que é boa para contar essa história

V.: História da touca?

S.: Que a Norma se revoltou contra essa touca de um jeito, que parece que era assim “um falo” aquela touca né. Então é, ela fez um, um movimento lá dentro da Escola, um abaixo assinado, nós todos a pedimos, que nós não iríamos mais usar a touca e, e, e conseguiu.

V.: Ainda na sua turma ...

S.: Pelo diretório acadêmico, a primeira luta acadêmica nossa foi pela retirada da touca da enfermeira, e conseguiu, saiu o uniforme.

V.: E aí como é que passou a ser o uniforme, igual, só sem a touca.

S.: Inicialmente, a mesma coisa, sem a touca.

V.: Com a meia branca.

S.: Meia branca, isso, meia branca e, e, acho que comprida né, longa.

V.: Quem media o uniforme?

S.: Heim ?

V.: Quem media o uniforme? Tinha alguém que fiscalizava?

S.: Tinha essa história, mas acho que eu não teria isso mais não ...

V.: Não se lembra mais não? (riso)

S.: Isso , as mais antigas contavam (riso), não sei se era real ou... possível né.

V.: Voltando a história do, ainda um pouco mais do internato. Onde eram feitas as refeições, no seu período?

S.: Tinha uma sala de refeições, acho que no segundo andar [3º andar atual], grande, um refeitório mesmo.

V.: Era lá que você fazia as refeições?

S.: É, quando a gente não estava no hospital. No hospital, às vezes, a gente almoçava lá.

V.: No hospital, quando estava na Escola ...

S.: Porque nós tínhamos um período grande de estágio mesmo, comprido né.

V.: Fora disso então, era feito na Escola

S.: Na Escola.

V.: Cozinha lá mesmo, Silvânia?

S.: Tinha cozinha.

V.: Quem era as funcionárias, você se lembra?

S.: Olha, infelizmente não...

V.: E a vida religiosa na Escola, com que era, ou não tinha assim.

S.: Não eu não me lembro disso não.

V.: Capela ...

S.: Havia uma capela, havia missa, mas não era uma coisa assim ...

V.: ...que as alunas tinham que...

S.: Obrigatório. Geralmente iam né. Eu, como não era religiosa, eu não me lembro bem, mas havia sempre as missas, o padre ia lá.

V.: Mas não havia discriminação porque você não era católica.

S.: Ah, não! Isso não.

V.: E o período de férias, já tinha, vocês passavam no internato mesmo.

S.: Não, férias todo mundo ia para casa.

V.: Fechava o internato?

S.: Acho que sim, se alguém não podia ir, podia ficar. Mas normalmente ia todo mundo para casa.

V.: Alguma professora, nessa época, além das freiras, morava no internato?

S.: (...) Parece que sim ...

V.: Ou funcionário ...

S.: Quando era solteira morava, funcionário eu não me lembro. Parece que a Carmelita Pinto Rabelo morou lá, né.

G.: Quem pagava lá, havia uma taxa para o internato, para o pagamento do internato?

S.: Não, não porque a faculdade[escola] era anexa à Faculdade de Medicina. Então nosso estágio, de certa maneira, era um trabalho que era feito para o hospital né, da medicina, então nós não pagávamos nada não.

V.: É, como que era, você começou a falar um pouquinho antes sobre o ensino teórico, mas você queria aprofundar mais um pouco, como que eram essas aulas, tinha algum material didático, quem que dava essas aulas, como que é que foi isso.

S.: As aulas eram dadas geralmente pelas enfermeiras e pelos médicos né. A parte referente à medicina, ciências básicas, os médicos davam mais; as enfermeiras davam mais a parte de Introdução à Enfermagem, as Técnicas de Enfermagem, e ...

V.: Se lembra de alguma professora dessa época?

S.: Dessa época, deixa eu ver... dona Izaltina [Goulart de Azevedo]; dona Daura [Pacheco Ribeiro], e, é tão desagradável esquecer.

V.: Não tem problema.

S.: Quem mais vocês entrevistaram, que eu, vocês falaram, eu lembrando de todo mundo.

V.: A Alaíde[Esteves Lima], Alzira [de Souza Melo]

S.: Dona Alaíde Alzira, todo mundo, é. Dona Rosa.

V.: Dona Rosa [de Lima Moreira] também?

S.: Dona Maria do Rosário [Barros] que depois fui trabalhar com ela em Pediatria.

V.: Dessa, dessa época de ensino específico de enfermagem ...

S.: A Carmelita [Pinto Rabelo] já estava lá também.

V.: Já?

S.: Já.

V.: Alguma coisa especial, Silvânia, sobre o ensino, sobre a relação com as pessoas?

S.: Olha, é ...é, a dife ... eu me lembro assim, com elas era ótimo né, inclusive elas estavam fazendo reciclagem em anatomia porque a gente já ia passar para o ICB [Instituto de Ciência Biológica], já estava tudo organizado para ter o ciclo básico e, então, a gente não sabia bem como ia ser, se elas iam ter que dar essas matérias ou se iam continuar com, a , na Faculdade de Medicina o ciclo básico, como que ia ser. Então estava tudo muito ainda em mudança na universidade. E aí elas estavam fazendo reciclagem dessas matérias básica né, anatomia, fisiologia, isso. A gente fazia também essas matérias básicas, a gente fazia na Medicina. Como é hoje feito no ICB, a gente fazia na Medicina. A parte do ciclo básico era muito interessante, eu, pelo menos, gostei demais. Agora, a parte que os médicos davam, a clínica médica por exemplo, cirurgia, essas coisas é que a gente começou também a fazer umas certas reivindicações. Porque dessas reivindicações eu fiz parte porque era muito assim, alunas e médicos que se interessavam pelo nosso trabalho e tal, eles faziam um bom trabalho com a gente. Agora, alguns achavam porque era enfermeira, não precisava saber nada, chegavam até dizer isso. E a gente se revoltava com isso, aí começamos a achar que o ensino da enfermagem deveria ser dado pela enfermeira e não pelo médico. E a gente já estava naquela luta pela dexta, dexta ...

V.: Desanexação

S.: Desanexação né, e juntamos tudo isso.

G.: Fala para gente sobre essa luta pela desanexação, o quê que você se lembra?

S.: Bom, a diretoria da Escola se queixava muito de que as verbas que deveriam ser passadas, não eram né. Nós sentimos mais a questão no ensino também e nos nossos estágios que às vezes nossos estágios em vez de servir para nossa aprendizagem, servia mais, a gente estava lá como mão de obra fazendo coisas que não acrescentavam nada, que não faziam parte de, de nenhum tipo de aprendizado para nós, sabe. Então a gente havia, a gente já havia notado que tinha que ser feito alguma coisa. Então houve uma luta grande em torno disso né, porque, então, você imagina: ou nós estávamos submetidos de certa forma ao que os médicos queriam nos ensinar né, ou uma forma de comportamento das irmãs que eram muito religiosas, que evidentemente algumas das professoras também possuíam. E a gente estava inserida num

curso universitário e que era, por exemplo, eu me lembro de uma médica que era muito amiga da irmã Clarízia e tal - ela não me autorizou a dizer isso - mas eu me lembro muito bem e há pouco tempo eu encontrei com ela, ela se lembrou disso, ela nos colocou em uma sala, nos deu um estetoscópio com as pacientes e falou assim: “Bom, já que vocês querem ser universitárias querem ter um curso semelhante ao de médico, então está aí, vocês podem fazer o exame” e saiu. Nós começamos foi a rir porque não entendemos absolutamente nada do que estava acontecendo, qual era a reação daquela forma de agir dela. Quer dizer havia também uma reação de lá com, havia um sem lugar da na enfermagem. Isso que eu estou falando com você que eu acho que é, próprio da mulher, que a mulher é muito de reivindicar um lugar, um espaço no simbólico. Na enfermagem era um lugar muito propício para isso aparecer porque, realmente, aí começava aquela não só aqui em Minas, como em São Paulo e tal, haver uma grande procura desse lugar, através da tese de mestrado que começaram a surgir né. Nisso eu já peguei mais como professora. Para definir, afinal, porque antes era aquilo mais ou menos definido. Nós não sabíamos muito bem ou muito menos, porque que os médicos saberiam. É claro que primeiro movimento que a gente faz é pedir ao outro não é, perguntar ao outro. Então eles não sabem que nós precisamos saber a clínica médica por exemplo, eles deveriam saber, né. Porque nós mesmos não sabíamos qual era a nossa função. Eu acho que o movimento de desanexar foi essa coisa, uma tentativa de avaliação [telefone tocando], de uma situação muito alienada, é assim que eu vejo hoje.

### [INTERRUPÇÃO DA FITA PARA ATENDER O TELEFONE]

V.: Sim, voltando. Mais algumas coisa sobre isso, esse momento tão importante que você presenciou ainda como aluna, da luta da mulher pelo seu espaço, da enfermeira especialmente?

S.: Eu acho que foi uma luta que a gente, de certa maneira foi vencendo, vamos dizer assim, foi vencendo nesse sentido dessa separação, que tinha que ser feita. E tinha que ser feita. Que tinha que ser feita. Aí ...

V.: E ela aconteceu...

S.: Foi muito difícil, quer dizer, também, hoje não faria isso assim, não nós não queremos que os médicos venham aqui. Ficaram alguns que nós, que nos reconheciam, havia uma busca de reconhecimento também do outro né. Então ficaram alguns que nós elegemos como aqueles por exemplo, o Fattini, Fattini?!

V.: Hum-hum

S.: Doutor Cid Veloso, foram uns que ficaram, que achamos que deveriam ficar. E outros ...

V.: Aconteceu então uma [reparação ...]

S.: Nós rejeitamos.

V.: Dos docentes nesse movimento que vocês fizeram?

S.: É, quer dizer, não estou dizendo que fomos nós. Eu acho que nós fizemos parte de alguma coisa que estava acontecendo que era da estrutura mesmo, do momento histórico, que isso eu não sei exatamente dizer. Mas eu estou falando do ponto de vista nosso e nós, nós fizemos esse tipo de reivindicação mesmo.

V.: E que conseguiram alguma coisa.

S.: Então quando nós passamos por exemplo pra docência da Escola nós assumimos essas disciplinas todas e de um certo modo meio sem condições e fazendo aquela suposição do saber, nós fomos conseguindo. Que tinha que ser feita.

V.: Você se lembra, por exemplo, da desanexação em si, a continuação dessa luta quando realmente a Escola se desanexou da Medicina, como que foi esse movimento na Escola?

S.: Não, foi um pouco gradativo. Aí eu não sou a pessoa indicada para falar disso não. Porque na verdade eu estava participando da luta política estudantil, já estava mais voltada ... porque de repente a gente também foi percebendo que haviam coisas que não era só nossas, que haviam né, era um movimento político nacional. A gente queria participar, quer dizer, inicialmente por exemplo, a gente foi participar do, do DCE né, aí já era pelo diretório acadêmico eu era presidente do diretório acadêmico né? Você perguntou pelo diretório (durante a interrupção da fita), o que me orgulha no diretório acadêmico foi o nome porque uma das coisas nessa situação de meio sem lugar, uma das coisas que preocupava a gente era o fato de que os diretórios tinham um nome e o nosso não. Sempre a gente estava nessa: nós somos o menor, aquela queixa, aquela busca de, né, do lugar mesmo. Nosso diretório não tem nome, não é Alfredo Balena, não tem isso não tem aquilo. E nós quisemos dar um nome. E demos o nome de Diretório Acadêmico Marina Andrade Resende (DAMAR) vocês já ouviram falar de Marina e que havia falecido há pouco tempo e que nós quisemos homenagear. Era como um, uma nomeação, parece que faltava nomeação, sabe? E conseguimos fazer isso, acho que depois perdeu porque o diretório não teve mais nome, mas nenhum tem, o problema mesmo era nosso, naquela época .

V.: Tem, continua ...

G.: Continua ...

V.: ...continua desde aquela época como DAMAR!

G.: Até hoje.

S.: Ah, ta? Que inclusive a sigla ficou muito bonita.

V.: Ficou.

S.: Isso é uma coisa que eu me orgulho muito porque foi uma luta minha, né.

G.: Você sente que foi um luta pessoal .

S.: Essa foi um luta pessoal, essa foi. Foi. Foi uma coisa assim que achei que devia ser feito e lutei muito, e nós conseguimos. Fizemos a inauguração, ganhamos um retrato da Marina pela família que esteve presente. Agora a outra foi uma luta mais abrangente que era participar das lutas políticas, participar do DA., coisas tipo assim: é... havia jogos olímpicos, por exemplo, universitários, a enfermagem não estava ali, como estaria né, poucas pessoas, cada turma tinha três. Mas nós fomos lá, eu e a Norma, que a gente queria participar, eles falaram: “Não, vocês participam, nem que seja no desfile inaugural. Ai a gente ....

### [FINAL FITA 1 LADO A]

#### FITA 1 LADO B

V.: Voltando a história do DAMAR.

S.: É, o DAMAR então ficou nomeado né. Você já gravou. Você queria fazer uma pergunta, era sobre o diretório?

V.: Nós estávamos falando dos jogos olímpicos, da participação da enfermagem.

S.: Ah, por exemplo, como um exemplo dos jogos olímpicos, a coisa mais longínqua que eu me lembro foi esse, que a gente foi tentar uma participação, que a gente não tinha nenhum time (riso) como que ia participar? Então nós participamos na abertura, na entrada, nós tivemos que fazer roupa. Eu me lembro que eu fui para o interior, costurei minha roupa, compramos toalha, usava, não sei se ainda tem, aos metros uma toalha mesmo, pano de fazer toalha. Aí fizemos uma roupa. E entramos com a bandeira da Escola e tal, ficamos toda orgulhosa. Então essas coisas marcam né, foi [muito interessante].

G.: Fala dessa bandeira para nós, como que era essa bandeira, você se lembra?

S.: Eu acho que ela era azul e branca, não tenho certeza e que tinha aquela lâmpada, uma lâmpada a óleo. Havia uma tradição na Escola, com, relacionado àquela lâmpada, vocês já devem ter, alguém deve falar né. Fazia uma festa no final do ano e a turma que estava entrando recebia a lâmpada da turma que estava saindo. Foi um das coisas que o diretório, quando eu era presidente, fez também foi uma festa, um baile com a participação do pessoal da medicina, do DA, do diretório acadêmico da medicina. E passamos essa lâmpada, apagava



todas as luzes e a gente passava a lâmpada a óleo acesa para as meninas que estavam entrando.

V.: Quem foi a dama da lâmpada na sua turma, você se lembra?

S.: Não, não me lembro.

V.: Para quem passou também, você não se lembra.

S.: É, bom (...). Porque essa festa, na verdade, eu promovi, eu ajudei a promover, mas não foi da minha turma não, parece que foi a turma da Norma que estava saindo e uma turma que veio depois da minha. Então, a minha turma mesmo não teve essa cerimônia. Isso nem existia, nós é que resolvemos fazer.

V.: Ah, sim.

S.: A gente tinha que aparecer de qualquer forma e tal. Então pagava aqui uma tradição, ali uma reivindicação. A gente tinha que achar um lugar nessa comunidade universitária, que na verdade, nós não tínhamos nenhum. A gente ia para o hospital, ficava lavando coisas. Fez muito isso, Ana Lúcia [Magela], vou te contar. Ana Lúcia era um exemplo, o uniforme impecável na sala de cirurgia, lavando coisas.

V.: Bom, voltando só um pouquinho ainda na continuação da história do DA., onde que funcionava o diretório?

S.: Tinha um, no segundo andar, logo ali subindo a escada, ali à direita, a escada do fundo.

V.: Onde se tocava o piano, no mesmo andar?

S.: Não. Piano não ...

V.: No andar, onde era ...

S.: Quem éramos nós! O piano era na sala da Escola. Nós conseguimos uma salinha. Era uma sala pequena.

V.: Onde que era o refeitório?

S.: Não.

V.: No mesmo andar do refeitório?

S.: Não sei se ainda é assim, embaixo não tem a parte de secretaria ainda?

V.: Que é no segundo.

S.: Não tem uma escada?

V.: Atual segundo andar.

S.: Isso. É segundo ali, logo na entrada.

V.: Atual.

S.: Bom, então é terceiro andar. Subia aquela escada, não tem nenhuma salinha pequena ali do lado, então era ali.

V.: Perto da escada.

S.: É, perto da escada

V.: E que mais você fazia no DA., fala mais sobre um pouquinho para gente dessa organização na época.

S.: Aí eu me lembro que aí eu comecei a me preocupar foi com a participação no DCE. E aí já havia um grande movimento político né e que nós começamos a participar pelo DA. né. A parte da Escola havia também, mas eu não me lembro bem, eu sei que eu me preocupei mais com essa participação política no DCE. E aí já havia um grande movimento político e que nós começamos a participar pelo DA. né. A parte da Escola havia também, mas eu não me lembro bem, eu sei que eu me preocupei mais com essa participação política que começou a ser uma coisa muito envolvente, muito decisiva né. A gente ia às reuniões. No começo fomos às reuniões, assim também, para conseguir nosso espaço lá, foi muito assim. Tanto que houve uma briga lá só porque saía as publicações do DCE e vinha a Escola de, primeiro Medicina, depois Direito, depois Arquitetura, lá, lá, lá (faz um gesto com a mão) lá no finzinho a Enfermagem. Então uma briga nossa foi: vamos por ordem alfabética. Teve votação. Começou assim, logo depois a gente começou perceber que alguma coisa acontecia no país né, era, era a revolução que já existia. Havia muitos movimentos estudantis e já havia grupos armados e tudo. Mas isso a gente não sabia muito bem. Tinha uma idéia mas não sabia tanto no que estava se envolvendo não. Foi mais, a gente acreditava que alguma coisa pudesse ser mudada no país, porque, fazendo enfermagem, a gente convive, convivía na época com muita desnutrição, pobreza e foi muito essa vontade de mudar alguma coisa e acreditar que havia possibilidade no socialismo de, de conseguir isso né. Então havia muitas passeatas, um pouco, nós éramos um pouco festivas na verdade.

V.: Todas os estudantes de modo geral?

S.: Eu acho que de modo geral, no início era uma coisa meio, meio festiva mesmo. Agora, havia aqueles que já se comprometiam mais com uma luta política do que, muitos até depois passavam a fazer parte dos, dos grupos armados, chamados aparelhos e tal. Nós, inicialmente, foi uma coisa assim, efervescência, emoção. Aquela coisa de querer mudar [alguma] ... isso que eu falei com vocês que eu acho que eu fiz parte de um momento que a gente tinha grandes angústias de viver, sabe? Isso eu, eu não renego nunca.

V.: Qual é esse grande motivo de viver?

S.: O grande motivo de viver era, era mudar aquela, aquela coisa que a gente via todas os dias no Hospital das Clínicas, que era aqueles meninos morrendo de fome, por exemplo. E nós acreditávamos que podia mudar alguma coisa; sabe. Então a gente se engajou mesmo, e a

gente fazia, tinha passeata na rua contra planos, contra isso, contra a lei Suplicy que era uma lei né, que [exercia] todos os direitos políticos. A universidade ameaçada de estar submetida às grandes potências especialmente os Estados Unidos. Então a gente se engajava mesmo nessas lutas, saímos por ali, a polícia vinha atrás, jogava bomba. Acontecia coisas muito interessantes ainda.

V.: Outras alunas participavam da diretoria do DA, participava ou (inaudível).

S.: Bom, eu ia como diretoria do DA, eu era presidente do DA. Algumas poucas pessoas, muito poucas ...

V.: Alguns membros iam?

S.: Foi um movimento muito, muito, muito (inaudível). Poucas pessoas iam mesmo.

V.: E as outras alunas de modo geral da Escola?

S.: Muito teimosas, poucas participavam.

V.: E a direção da ...

S.: A gente se ligava mais ao pessoal da medicina, ia mais com ele.

V.: E a direção da Escola?

S.: Não só as da medicina. Bom, a direção. Aí nesse momento já, a gente já era um pouco mais, bem mais separada, mais independente, Agora era, era estranhíssimo, por exemplo para vocês entenderem como era. A gente ia numa reunião do DCE, tinha uma passeata. Chegando lá resolveram tomar a Faculdade de Direito, entrar na faculdade. Também, com polícia atrás e tal. Nós entramos na Faculdade de Direito, isso era de manhã cedo, ficamos o dia inteiro lá. Os namorado levavam comida para gente, não sei o quê. Polícia de um lado e nós lá dentro confabulando e tal, é lógico que o pessoal da [Faculdade de] Direito, de Sociologia tinha um conhecimento já ali do Capital [livro de Karl Marx] e nós não. É, mas de qualquer jeito a gente estava participando né. Só que eu pensava assim: eu moro no interior se eu não chegar nove horas, eu não entro mais lá, o que que vai ser de mim então o que que eu pude fazer. Entrou o que hoje é o arcebispo não, é, Dom Serafim.

V.: Dom Serafim.

S.: É, ele entrou lá para negociar com os estudantes. Então foi minha salvação. Falei assim: “Dom Serafim, eu preciso sair daqui, agora eu não posso falar com eles que eu estou saindo, seria atraiçoar os colegas né, e muito menos sair na frente da polícia, que eu posso ser presa. Então, mas eu estou na Escola de Enfermagem e tem a irmã e tal”. (risos). Saí com o Dom Serafim lá, na época era frei, não sei. Era frei não, não me lembro o que ele era não. Vocês imaginam, quer dizer, a diferença, ao mesmo tempo que você está jogando em um movimento deste e num internato, quer dizer, num outro lugar, num outro momento quase, né, cheio de

tradições e de religiosidade e tal. Era assim, a gente ia, isso nos empurrava, parece muito mais.

G.: De onde que você acha que vem essa sua luta, quer dizer, uma busca de bandeira? Que eu vejo que às vezes muito mais pessoal às vezes né, uma luta. De onde você acha que vem isso?

S.: (...) Não sei, eu acho, não sei te responder, precisaria mais tempo. Acho que é do desejo mesmo, da ordem do meu desejo, né. E a gente não sabe exatamente não. Poderia dizer que eu fui, por exemplo, de uma religião protestante numa cidade pequena onde todo mundo era católico. Acho que isso marca um pouco essa busca de lugar, tudo isso né. Não sei se é só isso não, tem tanta gente também, é ...

V.: Quer dizer que você apesar de estar na Escola, você participava do DA., do diretório, dos momentos nessa época, mas se mantinha enquanto aluna, com as atividades normais de aluna ou nesse período estava em greve ou alguma coisa assim?

S.: Não, nós tínhamos as atividades normais. Já havia muita greve né, que era um momento conturbado sim. Mas era como aluno.

V.: É, desse movimento ou nessa, nesse período de ditadura, a Escola foi invadida ? Como é que ...

S.: Não, não...

V.: Essa presença mais marcante na Escola?

S.: Nós fazíamos assembléias com todas as alunas pedindo a participação né. Ao mesmo tempo a gente fazia muita festa lá dentro, fazia. Teve uma vez que os estudantes de medicina carregavam piano para nós, não tinha nada, não tinha nada e eles mesmos assim quiseram fazer uma festa. Eles trouxeram piano do, do diretório acadêmico, carregaram e colocaram lá para nós.

V.: Para fazer a festa lá dentro na Escola.

S.: Para fazer a festa lá dentro eles adoravam nossas festas. Mas faziam também assembléias, mas invadida nessa época não, não houve nenhuma invasão não. Agora, a, agente não estava, é como eu te falei, a gente não tinha idéia do que estava acontecendo exatamente. E aos poucos a gente começou a perceber que algum estudante que participava mais ativamente estava desaparecido, sabe. Aí a gente começou a ficar assustada. Eu, eu realmente só vim a perceber e acho que outras, Marília [Siqueira] por exemplo, participou dessa também, não sei se Norma foi, quando também todos os presidentes do diretório foram chamados para responder inquérito e aí foi um susto muito grande. Nós tivemos que comparecer. Era apenas como testemunha, aparentemente era testemunha com relação ao diretor do [UERC] que eles estavam investigando. Mas, eu levei o maior susto porque a assembléia nossa era só da

Escola, quer dizer, poucas alunas e eles tinham tudo gravado, tudo gravado. Se você falou isso ou tentava escapular. Eles me mostravam a gravação, com a minha voz, com tudo que eu tinha falado.

V.: Tinha um espião na Escola.

S.: Tinha.

V.: Dentre as alunas ou dentre o corpo docente?

S.: Como a gente ia saber? Não, corpo docente eu não acredito. Acredito que essas assembleias eram abertas né, eram para nós mas outras pessoas também iam, outros estudantes, e alguém se infiltrava. Aí foi um susto muito grande.

V.: É, desse período do DA mais alguma coisa, Silvânia. Aí, só um pouquinho você foi presidente, depois de você, quem assumiu você se lembra?

S.: Foi a Marília.

V.: Marília Siqueira?

S.: Siqueira, exato.

V.: E ela continuou na mesma bandeira ou ...

S.: Bom, aí teria quer ser ela né?

V.: Você saindo, você saindo da, da presidência ...

S.: Da forma dela ser, é um pouco diferente.

V.: Você saindo da presidência, você saiu do DA também, ou você continuou o seu movimento, enquanto aluna, no DA?

S.: Arrefecido, bem arrefecido que eu estava exausta, já. Porque antes eu trabalhei como secretária, trabalhei muito. Então eu estava exausta, também eu estava quase terminando o curso né? Eu fiquei um ano fora, depois é que eu voltei para fazer o curso de Saúde Pública. Aí eu não me envolvi muito em atividades políticas não. Porque aí a coisa também estava tudo assim meio passado sabe, quer dizer, foi uma coisa muito perigosa.

V.: Mais, maior repressão?

S.: É, muita repressão. As pessoas perdendo muitos colegas né. A gente perdeu muita gente né.

V.: Do grupo que você participava, que você conhecia né?

S.: É, porque gente conhecia as pessoas. É. Então houve uma cautela ...

V.: E isso ...(retaliação?)

S.: Retaliação grande.

V.: Voltando um pouquinho lá trás na história dos estágios, você falou um pouquinho como eram os estágios, mas você queria completar mais alguma coisa, onde que eram feitos os estágio, estágios mais marcante...

S.: Para mim foi o de pediatria (riso).

V.: Naturalmente!

S.: É.

V.: E nesse período de estágio, alguma coisa que você se lembre de interessante, algum fato marcante, alguém especial?

S.: (...) Alguém especial, não, prefiro não dizer porque todas as pessoas que orientavam os estágios eram muito dedicadas, sabe. Os professores eram muito dedicados, se esforçavam muito. Naquela época a gente assumia, com os professores, assumia por exemplo, a enfermaria com os alunos para fazer tudo, não era aquela coisa só de observação, não. Era, fazíamos tudo. Era muito cansativo, havia um lado assim que, não entendia bem porque que a gente estava fazendo aquilo.

V.: O estágio era manhã, tarde e noite, que período ... que vocês davam cobertura ...

S.: ...não, nós tínhamos aula por exemplo ... de manhã, estagio à tarde.

V.: À noite também vocês davam plantão, não?.

S.: Não, a noite tinha plantões. Mas não era, aí já não era obrigatório, eram plantões para aprendizagem, assim. O nosso trabalho mesmo era um período.

V.: Hum-hum... Alguém especial quando eu disse incluía assim, algum cliente, algum paciente também, alguma, algum caso assim né, vivido e que tenha marcado?

G.: A relação das alunas com as professoras, como era a supervisão dos estágios? Você disse que era, existia uma, uma, na verdade uma submissão, às vezes em relação ao próprio aluno da medicina né, quer dizer, aquela primeira idéia que passava ...

S.: Não, o aluno de medicina não ...

G.: E a questão da hierarquia entre as alunas e as professoras?

S.: Não, com o aluno não. Eu acho que era uma coisa muito mais da Escola de Enfermagem do que propriamente, sabe? Era, era uma forma que elas viam também e que nós não entendíamos muito bem. Era uma coisa assim muito... Havia uma, tipo uma submissão, era como também elas percebiam que seria a enfermeira, é diferente do que nós queríamos entender o que seria uma enfermeira, né?.

G.: Entre as colegas ou entre professores, professores de enfermagem e alunas, existia alguma forma de hierarquia?

S.: (...) Exatamente como ...

S.: É, a gente tinha que ... é havia sim. Havia, tinha que obedecer, elas determinavam o que podia ser feito, a gente tinha que fazer. Isso tudo era bem rígido no início, depois foi mudando. Mas inicialmente era assim bem, chegava e determinava o que podia fazer. A gente, se questionava, era por trás, entre nós.

V.: Aí, sim, havia?

S.: Tem gente que vai contar muito bem, eu não me lembro tanto assim, não preocupava tanto com isso, mas, havia alguma, o pessoal que veio antes de mim vai contar isso melhor.

V.: Os estágios eram feitos onde, Silvânia?

S.: No Hospital das Clínicas né e aquele hospital que era da Cruz Vermelha, pertencia ao Hospital das Clínicas, hoje é o[Hospital] SEMPER.

V.: Sim.

S.: Também tinha estágios lá.

V.: Algum estágio ...

S.: Ali tinha um estágio, você falou em estágio marcante, tinha um estágio ali que me marcou até hoje. Até hoje eu me lembro muito, até como psicanalista, eu me lembro desse estágio porque havia um grupo de médicos que eram, clínica médica que era ali, e que eles trabalhavam muito com essas doenças auto-imunes, tipo lupus eritematoso. E essas doenças me chamavam muita atenção porque que ficava perguntando porque que de repente o organismo passa a se auto-agredir? Então eu andava muito atrás dos estudantes, médicos que eu conhecia, procurando, assim, trabalhar isso, sabe? E, eles eram muito acessíveis e a gente tinha a oportunidade grande de acompanhar esse tipo de estudo e [dar] atenção aos pacientes. É uma coisa na enfermagem que me interessou demais, essas doenças. Que hoje a gente chama de psicossomáticas, naquela época ainda não se falava assim. Mas era interessante, ficava vendo aquelas células LE, [lupus eritematoso] porque que era criada aquilo, sabe. Me marcou bastante.

V.: Algum estágio fora de Belo Horizonte?

S.: Não .

V.: Saúde Pública era feita ...?

S.: Não, aliás, na saúde pública sim. Fizemos em Pirapora (MG), fizemos um estágio muito bom lá.

V.: Você falou já duas vezes sobre o estágio, parte complementar. Como que era o currículo nesse período, você se lembra como que era essa disciplina em saúde pública? Era trabalhada na, no currículo?

S.: (...) Exatamente como ...

V.: Por exemplo, ela era no final do , do ano. Tinha um, um, uma parte do currículo, você fazia o curso, terminava o curso, no final tinha, escolhia uma especialização, uma habilitação ou alguma coisa assim?

S.: Não era só Saúde Pública. Na minha época, não, Saúde Pública ou Obstetrícia.

V.: Eram as duas opções. Você é do currículo de 61, de 62, quero dizer.

S.: Passei por tanta mudança de currículo ali, que depois, como professora era, era assim ...

V.: Como que era então a Saúde Pública, especificamente ?

S.: Bom, eu me lembro que a gente fez em Pirapora, onde estava toda a parte preventiva.

Havia um, um trabalho muito bom lá feito, por uma fundação ...

G.: SESP [Serviço Especial de Saúde Pública]

S.: SESP. Fundação. Então ...

V.: Vocês ficavam lá em Pirapora, como que era esse lugar que vocês ficavam?

S.: Nós ficávamos lá um mês. A Escola alugou uma casa, ou não sei se foi o SESP, e a gente participava de todas aquelas atividades preventivas do SESP, fazia visitas domiciliares e toda aquela ... tinha uma parte grande de Obstetrícia também. Nós tínhamos que fazer dez partos cada uma.

V.: E Obstetrícia era no HC, Hospital das Clínicas?

S.: É.

V.: Deu conta de fazer os dez?

S.: Tinha que fazer né (riso) senão não terminava o curso. Nós éramos poucas né, era tudo mais tranqüilo.

V.: Quantas eram na sua turma, você se lembra?

S.: Sei, oito.

V.: Só oito pessoas. Norma era da sua turma.

S.: Acho que sim. Não, não. Anterior

V.: Norma era anterior.

S.:É.

V.: Você falou um pouco dos, das festas, né, das solenidades inclusive da história da dama da lâmpada. Mais alguma solenidade que a Escola participava, tipo as paradas de Sete de Setembro ou ...

S.: Não.

V.: Não. Na época, estava tudo diferente né? E a Associação de Enfermagem tinha ...

S.: Tinha uma festa lá ...

V.: Conta da festa.



S.: A gente sempre preocupada em impressionar (riso) então Maria José Aun falava assim: “Como a gente é pequeno, a gente tem que ser o melhor em tudo”. Então tudo a gente procurava fazer muito bem. Então ia fazer uma festa, gente, que trabalho! Era tudo super ... nós fazíamos até a decoração. Aí, havia um médico chegando da Rússia, ele era professor de, é, ortopedia se não me engano, além de tudo ele era muito bonito. Então nós o convidamos para uma festa e a gente não tinha dinheiro para nada. Essa festa foi nossa, não era da Escola. Gente, falei assim: “O que é que nós vamos fazer? Vamos fazer o seguinte: a gente compra - não sei se ainda tem ainda um vinhozinho que quando você abre estoura igual champanhe tem?” Aí nós compramos e arranjamos. Nossa! A Maria José era a rica da Escola, né. Ela trouxe taça de cristal, mas chiquézimo gente! Nós arrumamos uma mesa. Primeiro nós demos uma cervejinha, depois servimos aquela...chamava surpresa, vinho Surpresa .”.

V.: Ah, Surpresa.

S.: É. E ele saiu falando que as, ele, ele tinha trazido uns slides e a gente muito curiosa com a Rússia, a Rússia para nós era ideal, do eu e ele falou da Rússia e nós, e tal, recebemos muito bem. Tocou, a Norma tocou piano, foi chiquézima. E demos para ele bastante cerveja, depois vinho Surpresa. Ele saiu falando que tinha tomado champanhe lá na Escola (riso). E depois nos ensinou muito bem ortopedia né, porque ...

V.: Com certeza? (riso).

S.: Nós não sabíamos nada, se não fosse assim (riso).

V.: É... as solenidades, havia comemoração da semana da enfermagem, congresso, teve algum congresso aqui em ...

S.: Teve.

V.: 62, em 72.

S.: Já era formada. Já era.

V.: Já era formada. Antes, enquanto aluna, alguma participação na ABEn [Associação Brasileira de Enfermagem].

S.: Eu, particularmente não. Eu particularmente não tive muito não.

V.: (...) Bom, da época de estudante mais alguma coisa, Silvânia. Você falou comigo no telefone, da Norma, que ela era garota propaganda. Como que era isso?.

S.: É, ela era da TV Itacolomi, na época tinha garotas propaganda. E a divulgação do produto era feita por uma moça. E ela se aprontava toda para isso.

V.: Ela trabalhava na TV?

S.: Porque por causa dessa falta de ... e desaccostado, por causa de ... não, por causa de uma certa rigidez, por causa de ...

S.: Ela morava na Escola e trabalhava lá. Ela tinha acho que licença para chegar tarde. Uma das poucas que tinha por causa da ... Porque ela fazia aquela maquiagem, na época era uma maquiagem muito carregada e tal, a gente ficava todo mundo esperando ela ir. Era ótimo!

V.: Vamos chegar no final ...

G.: Fala para gente sobre o, o término do internato. Houve a desanexação, você falou um pouco da medicina. Você se lembra do término do internato, como que foi essa época, como que terminou, quais foram as últimas pessoas que permaneceram lá, o que foi feito ...

S.: Eu não estava nessa época não.

G.: Não pegou essa época?

S.: Não.

V.: Quando você formou ainda existia internato?

G.: Então vamos chegar na sua formatura, no final do curso.

S.: Eu me lembro que eu fiz o discurso (riso) .

V.: Oradora da turma.

S.: Fazia muito discurso, tá vendo que eu gosto de falar né? E nós tínhamos um, um ... foi tão bonita a nossa formatura! Eu me lembro que foi lá na [Faculdade de] Medicina, naquela, naquele salão nobre lá. E tínhamos um paraninfo. Ele era professor de Sociologia e que deu muito apoio prá gente lá na Escola, esqueci o nome dele, estranho (...) mas assim, por exemplo, o discurso traduzia isso. Comecei a falar de, de Florence Nightingale. É, traduzia muito essa divisão da enfermagem na época entre os valores idealizados, retidos na visão de Florence e tal da enfermeira e a busca da ciência do outro lado. Traduzia muito isso.

V.: Você tem esse discurso ainda?

S.: Até a pouco tempo eu tinha, mas eu acho que eu não tenho mais não.

V.: E mais o que da formatura, teve festa, ou baile. A turma tão festeira?

S.: Não, mas éramos tão pouca, não tinha nem jeito. Acho que não houve festa não.

V.: Você, é, nesse período que já era a diretora irmã Emília, a irmã Carmem. Alguma mudança para você, que você tenha percebido da saída da irmã Emília Clarízia para a entrada da irmã Carmem?

S.: Não, eu me lembro muito pouco disso. Acho que eu devia estar saindo de lá.

V.: A, a irmã Clarízia não foi uma pessoa marcante então no seu período?

S.: Ela foi muito mais marcante que a irmã Carmem.

V.: Marcante como, a irmã Clarízia?

S.: Porque, por causa dessa luta dela pela desanexação, por exemplo, eu me lembro dela sim né, por causa de uma certa rigidez, essa coisa de rigidez, preocupação com a nossa honra né,

com os namoros, aquela coisa assim muito marcante, marcante nela. A irmã Carmem eu me lembro pouco.

V.: Você se lembra da saída da irmã Clarizia. Teve alguma coisa que motivou a saída dela, algum fato?

S.: Falava-se muito. Foi ficando muito estranha né, pode ter tido até algum distúrbio. Mas a gente não deu para perceber porque ela ficava ... eu me lembro que ela não aparecia mais, só ficava fechada no quarto. É a única coisa que eu me lembro, então eu não sei realmente o que aconteceu, não.

V.: Mas que tenha, que as alunas tenham vivenciado, no seu caso ...

S.: Não.

V.: Não, nada de grandes interferências nessa época.

S.: Não.

V.: Da formatura, mais alguma coisa.

S.: Não.

V.: Você se sentiu preparada para começar a trabalhar com o curso que você fez?

S.: (...) Olha, não! Não porque eu dediquei muito à teoria e menos aos estágios. Justamente porque os estágios, como eu falei com vocês, deixavam muito a desejar né? Eu fui para a Baleia, para trabalhar no Hospital da Baleia (BH). Também foi muito o que eu encontrei como forma de trabalho. O Hospital da Baleia é umas alas imensa, cheia de criança, todas muito graves e realmente eu não estava preparada não.

V.: Seu primeiro emprego foi no (Hospital da) Baleia ?

S.: Eu acreditava que o enfermeiro ia ser um administrador, uma coisa assim, na Baleia não era bem isso. Quer dizer nós fazíamos essa parte também, menos, mas a gente tinha que cuidar das crianças desidratadas, não tinha nenhuma habilidade para pegar logo uma veia e tudo, e a enfermeira lá era colocada em um, uma UTIzinha, né. A enfermeira deveria ficar ali, cuidados mais graves. Agora, eu encontrei uma colega excelente, o nome dela é Umbelina, que eu nunca esqueci. Que ela realmente me pegou como, quase com uma irmã ou filha sabe? Eu devo aquele, aquele trabalho ali na Baleia ...

**[FINAL FITA 1 LADO B]**

**FITA 2 LADO A**

V Ahn, você estava falando da sua primeira experiência enquanto enfermeira...

S.: É, eu era despreparada prá, prá, prá assistência da criança. (Criança, no meu caso, eu nunca assumi pediatria); eu era bem despreparada, também não sei se poderia ser diferente, porque né? O tempo e o currículo era muito bom, mas muito diversificado. Então...

V.: Fragmentado...(inaudível), muito dividido?

S.: É, era muito fragmentado, os estágios divididos. Não haveria a possibilidade de eu ter feito um estágio que me deixasse pronta, por exemplo.

G.: Do que era esperado?

S.: Era muita coisa, né? Num lugar era administração, no outro era atender as crianças de outra forma. Cada lugar que você fosse trabalhar era de uma forma, eu tinha que ter minhas inseguranças.

V.: Quanto tempo você ficou na Baleia?

S.: Dois anos.

V.: E depois?

S.: Depois eu fui convidada para Escola né?

V.: Hum-hum.

S.: Aí eu fui para Escola (para ser professora de Pediatria)... fiquei oito anos.

V.: E como é que foi voltar à Escola agora como docente, como você encontrou a Escola?

S.: Bom, encontrei como já tinha é... mais ou menos deixado, né. Porque já havia, houve aquela mudança e as enfermeiras tinham assumido a Escola mesmo! A Escola agora era nossa, não era mais de, de, de Escola de Medicina né? Isso já havia acontecido, com todas as dificuldades disso né? Por exemplo, eu assumi a pediatria, tinha que dar toda a fundamentação, médica... e tudo era eu né.

V.: Hum-hum...

S.: Eu e dona Maria (do Rosário). Então com todas as dificuldades, mas foi muito bom, porque eu tinha tido uma experiência na Baleia por dois anos, que me capacitou para o que eu ia fazer.

G.: Fala para a gente sobre essas dificuldades, especificamente, que dificuldades eram essas, em relação com os alunos, questões administrativas, como é que eram essas dificuldades?

S.: Aí, as dificuldades que eu me lembro mais, ah... eram mais ao nível da carreira universitária. Isso é que eu acho que estava... continuava essa questão do lugar da enfermeira, esse não estava definido, eu já estava trabalhando nisso; e começou a surgir mais, mais pesquisas, muita gente trabalhando nisso, né? E.. agora havia esse lado né? E a carreira universitária; eu, isso foi uma coisa que eu comecei a achar muito pesado né? É... porque

começou a haver muita competição, uma coisa que a gente não tinha visto antes, que não havia isso na Escola.

V.: Dentro da Escola?

S.: Dentro da Escola, as pessoas perceberam que haviam possibilidade (inaudível) de ensino, a gente ganhava super mal, ganha mal demais! Então a gente tinha que né, fazer a carreira, e começamos a fazer concursos. Foi um momento difícil, muito difícil! Eu, eu vivenciei com uma certa tristeza tudo isso, porque foi uma burocratização, sabe? Foi, foi uma eclosão da burocracia na Escola, se antes era difícil por causa desses valores tradicionais que eu estou falando, a burocratização começou a ser avassaladora. Eu comecei a me desinteressar, sabe? Cansei mesmo! E acho que comigo muita gente...

V.: E aí?

S.: Aí a Escola foi mudando também, foi crescendo muito! Então os primeiros anos como professora de pediatria, eu achei excelente ! Você imagina que a gente pegava aquele hospital de gastroenterite infantil com as alunas... ela se queixavam. Mas é, eu tinha aquela preocupação de que elas vivessem o que eu vivi, aquele despreparo que eu cheguei na Baleia, né? Então a gente assumia uma enfermaria, para a gente cuidar; o berçário também, a gente assumia o berçário, para a gente cuidar dos meninos. Não era um faz de contas, e nem era uma coisa de querer ser médico, sabe como? Era, era aquela coisa boa. Isso aqui é meu, isso aqui eu sei fazer, muito isso! Mas depois começou haver reação também dos alunos; que não era aquilo que eles queriam... não é, que eles não iam fazer aquilo depois, que... por um certo momento que essa busca de lugar fica um pouco insustentável também. E, e aí, eu acho que tudo isso prá algumas pessoas começou apontar novos caminhos, novas possibilidades né? E a vida é assim, né?

V.: E que caminhos você seguiu?

S.: Eu, eu comecei a me interessar, desde o tempo da Saúde Pública, muito pela psicologia né, que eu descobri na Escola também. Um interesse muito grande pela Psicologia, por causa da Pediatria. Eu me lembro de um caso maravilhoso. Na hora que pergunta a gente não lembra.

V.: (riso).

S.: Mas eu lembro, eu me lembro de um menino que eu atendia e que ele desenhava orelhas, sabe, muito grande. O menino tinha uma doença, não me lembro, renal, ou o quê que era, e ele desenhava orelhas enormes. E eu falava com, não sei quem, na pediatria, eu dizia: olha tem alguma coisa com esse menino. Questão do ouvido, da voz. Isso me chamava atenção. E de tanto eu insistir nisso, aí encontraram um déficit auditivo no menino, trataram por causa do desenho que ele fazia. E também os meninos da Baleia, eu, eu me preocupava demais com os

meninos; porque tinham tumor canceroso, os meninos agredidos, que já apareceram lá naquela época.

V.: Com o pai...

S.: Pelos próprios pais algumas vezes, e pelos é, quase que altistas. Havia meninos na Baleia que era altista, e por motivo que não sabia qual, a gente não conseguia falar com eles. Isso me instigava muito, e isso me levou prá psicologia né?

V.: Mas antes de você fazer Psicologia, ainda na Escola, você assumiu algum cargo administrativo?

S.: Ah, vários!

V.: Você era do Departamento Materno- Infantil, né?

S.: É.

V.: Já havia, dois departamentos, ou já tinha três departamentos quando você estava lá?

S.: Três né. Materno-Infantil, Fundamental

V.: ...Básica e...

S.: Básica. ( de Enfermagem Básica)

V.: Administração?

S.: É, Administração.

V.: Como é que era esse...

S.: Nós, nós tínhamos todos os cargos possíveis e imagináveis, porque nós éramos poucas, e nós... e a Escola teve a estrutura de qualquer universidade, então nós tínhamos que nos revezar assim...

V.: Hum-hum...

S.: Eu, eu me interessei muito pela parte de Extensão, des... desde o DA. Havia o Conselho de Extensão. Eu participei do Conselho de Extensão. Eu tinha uma preocupação muito grande com essa coisa da Extensão, né?

V.: No seu per... já tinha o CENEX [Centro de Extensão] na Escola?

S.: É, não sei se chamava assim, mas já havia uma representação do Conselho de Extensão na Escola sim.

V.: Hum-hum...

S.: Que a gente dava algumas coisas... tentava alguns eventos...

V.: Hum-hum. Você colocou uma preocupação com a carreira universitária, com a formação do enfermeiro, enquanto professor de nível universitário né? A Escola se preparou, preparou seu corpo docente um pouco mais, teve esse tipo de, de...

S.: O que eu acho que aconteceu na Escola ;é que o pessoal começou a evitar, evitar a Enfermagem. Isso é uma coisa que eu acho que aconteceu, sabe como?

V.: Candidatos?

S.: Não, evitar pegar no pesado.

V.: Ah sei!

S.: Assumir as dificuldades na clínica e, e, e começaram... lógico estudo universitário, carreira e, e o desejo de cada um. Mas havia uma certa (evitação) e isso eu não me conformava. Isso, é porque a Baleia me marcou demais, sabe; e eu ficava ali no “pé” das meninas mesmo, era cuidando, e eu vi como mudava uma criança que a gente atendia e uma que a não era atendida, uma enfermagem que não tinha enfermeira, sabe? Então assim, eu não entendia isso. Eu nunca entendi e nunca aceitei. Havia uma defasagem, você chegava cheia de conhecimento teórico e não sabia nem como (inaudível) um estágio direito, sabe como? Que você não tinha experiência da clínica. Isso eu comecei achar estranhíssimo. Eu acho que o quê levava a isso era ainda a questão do lugar, da função. Nós começamos a trabalhar muito com isso, participei de um grupo de trabalho, mas não, são... alguma coisa amarrava sabe?

V.: Você foi vice-presidente, vice-diretora também?

S.: Fui. Mas eu...

V.: Como é que foi isso tudo?

S.: Mas eu, como vice-diretora, fui uma espécie de.... eu não pude fazer quase nada na verdade, sabe?

V.: Era só vice?

S.: Só fazia o necessário.

V.: Não deu para desenvolver atividades?

S.: É. Mas aí eu já tinha meus filhos pequenos, já tava nessa transição também, que eu via que o meu desejo estava apontando para outro lugar, que eu não ia ter capacidade...

V.: Hum-hum...

S.: Também né, me fez aceitar a situação. Mas foi difícil para mim.

V.: Ainda nesse período difícil da Escola (riso) e seu dentro dele, é, a revolução, a ditadura continuou né? E como é que foi a visão desse período depois que você estava como docente?

S.: Bom, como docente eu já estava preocupada com a situação né? Mas a gente era ainda muito temerosa, esperando, não podia fazer nada na verdade, né? Porque aí a repressão foi... não tinha muito o quê pudesse fazer não! Nós nos voltamos para dentro da Escola, para nossas próprias questões ali. Trabalhei pouco, eu lembro que houve uma greve de alunos, quando eu era vice-diretora, uma greve que foi até uma oportunidade de trabalho que eu tive, que o

Diretório (Acadêmico) não estava ...e eu é que tinha que me haver com aquela greve. É, mais aí, não pude fazer muita coisa não.

V.: É, alguma, em termo de ditadura ainda, alguma coisa na Escola, alguma intervenção no período que você estava lá, ou quando, teve intervenção na Escola quando você estava lá?

S.: Acho que...

V.: Por exemplo, quando alunos foram presos, invadiram a Escola, você não estava nem como aluna, nem como docente?

S.: Não, não (...) Tinha uma aluna que era, que foi minha colega, também foi minha aluna, que foi Maria Auxiliadora [Córdoba Christófaro], que ela de vez em quando eles prendiam muito. Que sofrimento isso! Uma vez ela estava no estágio e foram buscá-la. Isso me lembro; de ter invadido, não.

V.: Você era aluna, era professora da Dôra [Maria Auxiliadora], nesse período?

S.: Era.

### [INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Mais alguma coisa enquanto sua experiência docente na Escola, no período que você ficou? (...) Alguma luta grande na Escola... ou per... ganhos ou perdas?

S.: Olha! Luta era constante, era constante, não facilitou para nós muito... sabe?

V.: A desanexação?

S.: É, por um lado sim, mas por outro; a luta era muito grande sim. Mudanças de currículo constantes e adequação à burocracia universitária, sabe? A situação do Hospital das Clínicas (HC), foi uma coisa, porque o HC não sei se vocês levantaram isso, ele era administrado sob forma de cadeiras. Isso foi mudado, os chefes de cadeiras não quiseram....

V.: Cátedras, de cadeiras....

S.: Catedráticos.

V.: É.

S.: Eram (inaudível) grandes mestres, grandes chefes e que tinham que mudar; e, e mudaram.... democratizou, mas não resolveram os problemas básicos, no HC vivia deficiente, vivia faltando tudo... e a última coisa que eu fiz na Escola, quando eu decidi sai, passei um ano na Reitoria, trabalhando numa comissão que, com o professor (Eduardo Osório) Cisalpino, que era Reitor na época, e montou uma comissão para trabalhar essa questão do HC, sabe?

V.: Hum-hum.

S.: Com sociólogos e foi muito interessante!



V.: Você foi representante da Escola?

S.: Eu fui representante da parte da saúde.

V.: E como é que foi esse trabalho lá, dessa comissão?

S.: Foi é, nós na verdade, a gente trabalhou muito tempo tentando entender essa situação de poder. Eles tinham um interesse muito, na questão de poder, que tinha havido a mudança...

V.: Da Reforma Universitária, né?(em 1968)

S.: É. Então queriam fazer um estudo sociológico, para saber se havia ainda mantido uma situação de poder lá dentro, e o quê justificaria o hospital ser tão deficitário (risos) que não era, e deve ser até hoje. E, a minha, eu seria uma pessoa que teria o conhecimento técnico, mais ou menos isso sabe? E...

V.: Essa comissão chegou a alguma...

S.: Nós trabalhamos demais, mas você sabe que eu acho que no fim eu cheguei a conclusão que a gente estava só...tipo tem um “problemão”, tem gente trabalhando... Foi uma decepção enorme. Não ia mudar nada.

V.: Essa comissão você chegou a trabalhar nela até o fim, ou você saiu antes?

S.: Não, eu saí um pouco antes.

V.: Antes dela...

S.: É, mas eu já não acreditava muito não.

V.: Hum, e aí você saiu?

S.: Uma pessoa que fazia parte era a Cérís que hoje está na prefeitura né? Como secretária. Eram pessoas muito interessantes trabalhando com maior (denodo) maior afinco!

V.: (risos).

S.: Só que...

V.: Não levou aonde queria?

S.: Acho que era pra ir para a gaveta.

V.: E aí você resolveu sair da Escola? Como que foi isso e quando foi?

S.: É, bom, parece que eu, eu senti que eu não tinha mais... a forma de eu pensar os estágios, sabe? Não estava conseguindo mais realizar. Então foi ficando sem sentido pra mim estar ali. Essa coisa que eu estou te falando, essa burocratização, você estava no estágio e era chamada para reunião, ou então ao mesmo tempo eles queriam que ficassem o dia inteiro na esc...o (inaudível) falava: Não, vocês têm é que ficar no estágio, vocês estão estudando demais... e eu sei lá! Era uma coisa assim. E eu já tinha um interesse grande pela psicologia, psicanálise, só depois que veio , mas já deu alguma coisa também. E... aí eu achei que, foi perdendo o sentido estar ali, por isso sabe.

V.: Você pediu demissão?

S.: Pedi.

V.: Foi difícil para você fazer isso, quer dizer cortar essa...

S.: Não, tudo isso foi um momento muito difícil. Porque foi um momento de muita mudança pessoal né? Essa coisa do lugar, da função e tarará. A busca do desejo mesmo, né. No momento pessoal que tinha filhos pequenos se tudo; e então, quer dizer, não foi fácil não, foi momento difícil, deixar a Escola foi muito difícil, foi assim fazer um luto, mesmo. Porque eu ia lá muito, eu gostava demais das pessoas, fiquei lá muitos anos, né? Passei uma vida ali. Mas acho que era o que eu tinha que ter feito.

V.: Aí você saiu da Escola, ou saiu da enfermagem ?

S.: Não, saí da enfermagem.

V.: Você foi fazer outro curso?

S.: É, eu já fazia ao mesmo tempo, porque quando eu estava na Reitoria, eu já fazia o curso de psicologia também. E estava muito pesado você ficar na Escola e na psicologia né? Eu não conseguia muito ficar nos dois lugares ao mesmo tempo não. Eu sempre fui de me dedicar muito àquilo que eu faço, então não conseguia, essa divisão estava difícil. Aí...(inaudível.) no curso de psicologia, nisso já via que era psicanálise, comecei a tratar e fazer minha análise.

V.: Hum-hum, e hoje, como é que está a Silvânia hoje?

S.: Ufe! (risos).

V.: Encontrou o lugar?(risos).

S.: Será que se encontra o lugar? Olha! Era um processo de separação, em psicanálise nós falamos muito de alienação e separação. Você nasce alienado no discurso do outro né? Quando você nasce, seu pai espera que você seja isso ou aquilo. É, e não tem jeito a não ser você aceitar isso né? Você aceita isso inicialmente. Quer dizer aquele desejo que você desconhece, e, e todo o processo de sua vida é esse de você separar desse desejo. Embora você chegue num momento que saiba que alguma coisa está marcada, como você falou. De onde vem essa coisa, esse modo de ser? Eu te disse, eu não sei, posso até tentar responder... meu avô, meu pai... a maioria está perdida, mas eu sei que não adianta muito ficar lutando contra isso, mas também que eu tenho uma outra independência disso né? Que nisso eu possa marcar o meu desejo. Então eu acho que qualquer lugar que a gente esteja, qualquer profissão... o que importa é que a gente, né, faça de acordo com que o desejo indica.

V.: Está sempre buscando né?

S.: É (...) Agora eu acho , tem uma coisa, eu não sei como está agora, mas deve ter cuidado sabe?

G.: Era isso que eu ia perguntar prá você. Como você vê a enfermagem hoje, sobre uma outra ótica né! Como que você vê?

S.: É, eu tive meu pai doente, faleceu até, no Hospital (Previdência,) não no hospital (inaudível), não fiquei muito feliz não, sabe? Eu procurava um colega... e estava sempre longe ou sempre ocupado com coisas que prá mim, meu pai não tinha a mínima importância, (inaudível), sabe. E o cuidado ali com pacientes, nossa meu pai (morto) isso aí entristece a gente né? Agora claro que eu revi isso prá série de circunstâncias que tem a ver com isso né? Eu acho que não pode desculpar totalmente também não sabe? A enfermeira não pode se perder nesse emaranhado de demandas em cima dela não! Ela tem que marcar, não é isso que eu tenho que fazer. Pode ser que eu esteja errada com relação, claro que eu queria mais para o meu pai (inaudível) mas é... não sei, acho que naquela época, com tudo que a gente falou, que a gente se queixava, na época, se eu preocupasse, por exemplo, se a gente procurasse a enfermeira no segundo andar do Hospital das Clínicas, a enfermeira a gente achava, e ela sabia dizer o que o paciente tinha, o que precisava, sabe? Qual o diagnóstico, quais os cuidados, quais os riscos, isso aí eu acho que enquanto estavam com a gente e com algumas colegas excelentes... mas ficou restrito o Hospital das Clínicas e a Escola de Enfermagem, fora não tem!

V.: Hoje você volta, atualmente você não tem voltado à Escola?

S.: Voltei infelizmente; eu voltei com um projeto de trabalho. Porque como eu falei, foi, foi na Enfermagem que eu me interessei pela questão psicossomática, que durante muito tempo eu não trabalhei, até que tive uma pessoa que eu atendi e tinha um problema, (que até faleceu). Então eu quis voltar, assim, com um trabalho, apresentei um trabalho nas normas regionais da psicanálise e pensei: quem sabe na Escola de Enfermagem vão interessar em fazer um trabalho desse tipo lá! Lá, conversei com a Diretora e tal, ela diz que sim, que ia fazer uma reunião, e depois não sei o que aconteceu, não, não deu.

V.: Quem era a diretora na época?

G.: Maria José.

V.: Maria José [Cabral] Grillo Caldeira Brant. Foi recente, quer dizer, relativamente.

S.: Meio aloirada.

V.: Então tem pouco tempo isso?

S.: É. Maria José!

G.: Estou me lembrando... ou foi com a Marlene(Natividade Soares de Oliveira)

S.: Ela chamou umas professoras.

V.: Mas não deu?

S.: Mas ai ela não chamou novamente...! e foi a última vez que estive lá. Que eu acho interessante é desenvolver.

V.: Desenvolver mais nessa área?

S.: Desenvolver mais nessa área.

### [INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Mais alguma coisa, de lembrança, de estudante ou de docente?

S.: Olha, lembranças são muito poucas que eu estou passando, prá pesquisa de vocês, é muito pouco, uma coisa muito pessoal, então está muito falho e tal, são coisas que marcaram, que eu acho que marcaram a mim e podem ter marcado de alguma forma aquele momento da Escola. Então é uma coisa muito... mas como a história, eu acho que não é uma questão de memória, mas de significativa, significantes que circularam ali (inaudível) e muito, o que me marcou muito foi essa luta da separação, acho que o tempo todo, essa separação de um destino, de alguma coisa que nos era destinado, nos era imposto, e que às vezes coincidia até com o lado nosso romântico e tal, mas que por outro lado a gente via que o desejo não passava, né, por aí. Podia ser o lado ligado ao afeto, ao amor, mas ao desejo está longe né?

G.: E por outro lado, podia...

S.: ...E a maioria das mulheres, porque as mulheres estavam querendo um lugar que pudessem falar, que pudessem construir algum saber. Eu acho que nós enfermeira é privilegiada por isso.

G.: Você percebia a Escola o tempo todo nessa dependência..

S.: A histeria da gente, da mulher, essa coisa de cobrir a falta do outro, sempre; procura onde tem falta, onde tem sofrimento para lá cobrir, eu acho que é uma tendência que a enfermeira tem que ter um certo cuidado, porque é uma profissão própria né? É. Então acho que isso às vezes cria momentos muito neurotizados (inaudível) sobre uma certa “histerização” coletiva, quase, muitas neuroses, muita gente parava de trabalhar porque não dava conta mais. Essa coisa assim, sabe? Da doação, e foi uma coisa vista para a própria enfermeira, e foi muito trabalhada na época, muito mesmo. O Brasil inteiro. Mas também uma tendência a seguir modelos americanos, ingleses que não era o nosso modelo aqui.

V.: Essa “neurotização”, este período de, de dificuldades emocionais, digamos assim, com o corpo docente da Escola de Enfermagem, então você vê como uma coisa maior, não como uma coisa pontual, tipo assim, mudança universitária?

S.: Não, não. Claro que há momentos que, que, que favorecem mais a essa né, por isso passa o tempo dá uma idéia de coletivo, mas eu acho que isto é questão da mulher que tem que ser

lida aí por vocês, pegando estes fatos que tem importância, outros nem tanto. Talvez vocês pudessem tentar, é uma leitura por aí, porque sempre houve, sempre há essa busca do lugar. Qualquer lugar que tiver mulher vai ter isso. Vai achar que é o médico que não ensinou, – e não ensinava mesmo, – ela falava que não precisava saber. Mas também ficavam submetidos a isso. Por que? Porque de repente nós falamos, porque agora nós vamos estudar, e vamos nós mesmos assumir a Escola, e assumimos.

V.: Nessa mudança...

S.: Saímos da falta, entende, da queixa constante, vocês não dão, ninguém dá, nós não temos, e começamos a trabalhar em torno do que já não tinha. E não sabia mesmo nada não.

V.: Nessas mudanças que aconteceram nesse período da desanexação, aconteceu também a saída das freiras e a primeira, o retorno da direção pelas leigas, né? Alguma coisa nesse período que te, tem significado pra você hoje?

S.: Eu me lembro que uma delas, que era... sei lá o que, que era (inaudível); eu jamais passaria como enfermeira nas Clínicas. Eu realmente nunca pude trabalhar lá.

V.: Por que...

S.: Porque elas não iam deixar.

V.: Por causa da sua atuação?

S.: Eu falava demais né? Podia ter trabalhado isso sem me expor tanto.

V.: Enquanto docente ou enquanto discente?

S.: Enquanto discente (risos). Eu e outros que tínhamos falado que elas tinham que sair, porque não tinha jeito da forma como que elas né, são excluídas da comunidade, a gente não ia conseguir nada, então falava muito isso.

V.: Ah sim, então houve um movimento discente para saída das freiras também?

S.: Também.

V.: Então conta pra gente um pouco disso?

S.: Porque eu não sei se chegou a ser um movimento. Mas houve isso, mas isso não era só da Escola não. Aquela coisa das freiras, elas, as enfermeiras e os hospitais; estava sendo muito mais questionado, né?

V.: E aí, é...

S.: ...porque ninguém tinha que pagar nada pra eles, não eram profissionais... Então como é que podia ser para nós?

V.: Hum-hum. E na saída da irmã Carmem, também não houve...você não se lembra de alguma coisa, quando ela saiu da Escola como diretora, aliás ela saiu de Belo Horizonte?

S.: Não. Irmã Carmem não me lembro mesmo! Engraçado. Eu já me lembro é da Carmelita! Como diretora, Carmelita é que me convidou para dar aula na Escola. Naquela época convidava a gente.

V.: E aí mais alguma coisa?

S.: Aí!!! (risos)... Só agradecer a vocês né? Fiquei muito feliz, são lembranças de uma época muito marcante para gente né?

V.: :: Hum-hum.

**[FINAL DA ENTREVISTA]**

**[FITA 2 LADO B NÃO FOI GRAVADA]**

## **FICHA TÉCNICA**

Data: 31 de março de 1998

Local: Consultório da entrevistada, em Belo Horizonte/MG

Nº de Fitas: 02

Duração: aproximadamente 85 minutos

Entrevistadoras: Valda da Penha Caldeira

Geralda Fortina dos Santos

Andréa Oscar

Conferência de Fidelidade: Geralda Fortina dos Santos

Sumário: Geralda Fortina dos Santos

Traços Biográficos: Geralda Fortina dos Santos